

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Miguel Sepúlveda direção musical

05 Jan 2024 · 21:00 Sala Suggia

06 Jan 2024 · 18:00 Sala Suggia



casa da música

MECENAS CASA DA MÚSICA



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Georges Bizet

Adagietto da Suite n.º 1 de *L'Arlésienne* (1872/1879)

Josef Strauss

À Prova de Fogo, op. 269 (polca francesa) (1869)

Johann Strauss II

Abertura da opereta *O Barão Oigano* (1883-85)

Otto Nicolai

Abertura da ópera *As Alegres Comadres de Windsor* (1845-49)

Johann Strauss II

Sob trovões e relâmpagos, op. 324 (polca rápida) (1868)

Comboio da diversão, op. 281 (polca rápida) (1864)

Abertura da opereta *O Morcego* (1874)

Émile Waldteufel

Espanha, op. 236 (valsa) (1886)

Mikhail Glinka

Abertura da ópera *Ruslan e Ludmila* (1837-42)

William Walton

“Touch her soft lips and part” (Peça n.º 2), do filme *Henry V* (1944)

Johann Strauss II

Polca dos agricultores, op. 276 (polca francesa) (1863)

Emmanuel Chabrier

Dança eslava da ópera cómica *Le roi malgré lui* (1887)

Duração aproximada: 1 hora sem intervalo.

Música para o Ano Novo

A tradição do concerto orquestral que assinala a entrada no Ano Novo é apreciada por melómanos um pouco por todo o mundo. Embora essa prática tivesse antecedentes na capital austríaca desde meados do século XIX, o modelo actualmente estabelecido generalizou-se a partir do sucesso e do impacto global alcançados pelo típico Concerto de Ano Novo da Filarmónica de Viena, que se realiza anualmente, desde 1939, no Salão Dourado do Musikverein. Foi a partir dessa data que o programa do evento, celebrando então os 80 anos do imperador Carlos I, passou a ser composto essencialmente de uma selecção de valsas, polcas e marchas de compositores austríacos, e em particular de diversos membros da família Strauss. Esse repertório de dança tornou-se extremamente popular pelos seus ritmos e melodias alegres e contagiantes — as valsas suaves e ondulantes, as polcas animadas e empolgantes, as marchas solenes, marciais e imponentes —, música exuberante que cria uma atmosfera festiva adequada para a ocasião. Mas no evento, desde a sua raiz, não deixava de existir também uma importante dimensão de celebração da cultura austríaca, com toda uma vertente nostálgica, bem patente nessa música, evocativa da desvanecida grandiosidade daquele que outrora fora o Império Austro-Húngaro. A programação do concerto seria alargada, mais tarde, a outros compositores contemporâneos, processo para o qual também contribuiriam as reproduções do modelo vienense que foram surgindo em diferentes centros de actividade musical.

Georges Bizet (1838-1875) foi um dos mais brilhantes alunos do Conservatório de Paris da sua geração, tendo iniciado uma breve mas promissora carreira de compositor, tragicamente interrompida aos 36 anos. O seu nome ficaria na história da música, em particular, pela sua célebre ópera *Carmen*, mas foi também um compositor prolífico de música orquestral. Em 1872 recebeu uma encomenda, da parte do director do Théâtre du Vaudeville, para compor música de cena para a nova peça de Alphonse Daudet, *L'Arlésienne*, que este recentemente adaptara, em três actos, a partir de um conto seu de 1869. Esta história trágica em torno da personagem de uma jovem camponesa de Arles não seria bem sucedida no teatro, mas da respectiva música de cena seriam extraídas, com instrumentação expandida, duas suites que fizeram o seu caminho nos programas dos concertos sinfónicos. Um dos números mais conhecidos é o “Adagietto” (n.º 3 da Suite n.º 1, op. 23), uma peça lenta e melancólica para as cordas em surdina.

A música de dança austríaca do século XIX foi dominada pela família Strauss, autêntica dinastia de compositores em que se destacaram particularmente Johann Strauss I (1804-1849), o patriarca, e os seus três filhos, tendo todos eles deixado um legado duradouro no campo da valsa, da polca e da marcha. **Josef Strauss** (1827-1870), o filho do meio, produziu uma obra volumosa neste âmbito, embora a sua qualidade tenha sido algo ofuscada pela fama do irmão mais velho (que até lhe reconhecia mais talento). Além de se ter formado e trabalhado como engenheiro, tinha várias aptidões artísticas, sendo um violinista, maestro e compositor talentoso, e as suas peças eram notáveis pela beleza melódica e riqueza da instrumentação. A “polca française” *Feuerfest!* [À prova

de fogo!], op. 269, foi composta em 1869, em resposta a uma encomenda da empresa vienense Wertheim, fabricante de cofres à prova de fogo, que pretendia celebrar a produção do seu 20.000.º exemplar. Num andamento sempre animado, a orquestração inclui o som de uma bigorna, que intervém pontualmente como que recordando a solidez do material.

Johann Strauss II (1825-1899) iniciou a sua actividade como director de orquestra ainda aos 19 anos, afirmando-se rapidamente nessa função e estabelecendo uma relação de rivalidade com o próprio pai. Acabaria, no entanto, por fundir a sua orquestra com a que fora regida por aquele, e dirigiria ainda, entre 1863 e 1871, os bailes da corte vienense. Enquanto compositor, abordou os vários géneros de dança então em voga, tendo composto também várias operetas, mas notabilizou-se especialmente na composição de valsas, o que lhe valeu o epíteto de “rei da valsa”.

A opereta *Der Zigeunerbaron* [O Barão Cigano] foi escrita entre 1883 e 1885, ano em que foi estreada em Viena, tendo desde logo obtido grande sucesso junto do público. Trata-se da história do casamento de um fazendeiro com uma jovem cigana, que se vem a saber ser proprietária de um tesouro valioso. A abertura está infundida de um sabor exótico, empregando ritmos evocativos, bem como coloridos e inusuais aspectos harmónicos e de orquestração.

A polca *Unter Donner und Blitz* [Sob trovões e relâmpagos], op. 324, foi estreada em 1868 num baile de Carnaval de uma associação artística vienense, inicialmente com outro título (*Estrelas cadentes*), que o compositor alterou para evitar a confusão com uma valsa do irmão Josef. Esta é possivelmente a peça mais ruidosa de Strauss II, que nela pretendeu

descrever musicalmente uma tempestade de Verão, sugerindo os sons de trovões e relâmpagos com o recurso frequente ao rufar dos tímpanos e ao bater dos pratos.

A polca *Vergnügungszug* [Comboio da diversão], op. 281, foi composta em 1864 e destinada a um evento da importante Associação das Sociedades Industriais. A peça foi inspirada na abertura da nova linha de caminhos-de-ferro do sul da Áustria, em que operavam vários comboios que proporcionavam agradáveis viagens de passeio a regiões rurais. A música de Strauss procura produzir uma descrição vívida, com o triângulo e buzinas a evocarem sons característicos desse meio de transporte.

A opereta *Die Fledermaus* [O Morcego] foi estreada em Viena em 1874, tendo-se desde então estabelecido firmemente no repertório. O libreto baseava-se numa popular comédia francesa do *vaudeville* (que, por sua vez, partia de uma farsa germânica de 1851), mas a sua acção foi simplificada e adaptada de modo a atender ao gosto do público vienense, que a acolheu de bom grado, contrariando a posição de muitos críticos, que a consideraram escandalosa. Decorrendo na noite de Ano Novo, o enredo oferece momentos propícios para o compositor apresentar uma sucessão de valsas e outras danças, assim como sucede na abertura, que proporciona uma amostra das mais contagiantes melodias da obra.

A *Bauern-Polka* [Polca dos agricultores], op. 276, foi escrita em 1863 e estreada em Agosto desse ano num concerto de caridade em Pavlovsk, perto de São Petersburgo, na antiga Rússia Imperial. Com as suas melodias e ritmos apelativos, a peça suscitou, desde o primeiro concerto, as mais entusiásticas reacções da parte do público e dos músicos, e ainda hoje é comum o refrão ser cantado em simultâneo pelos próprios membros da orquestra.

O compositor **Otto Nicolai** (1810-1849) foi, na sua infância, considerado um prodígio, e o seu estabelecimento em Berlim, aos 16 anos, trouxe-lhe o ensejo de estudar com Carl Friedrich Zelter, professor de Mendelssohn. Dedicou-se à música instrumental e iniciou-se no mundo da ópera, tornando-se, em 1841, compositor da corte em Viena e uma figura central da vida musical da cidade, tendo inclusivamente participado no processo que gerou a Filarmónica de Viena. A ópera *Die lustige Weiber von Windsor* [As Alegres Comadres de Windsor], um *singspiel* em três actos, foi composta entre 1845 e 1849, ano da sua estreia em Berlim. É considerada um marco na história da ópera alemã entre Weber e Wagner, e o libreto segue de perto a comédia de Shakespeare, narrando o comportamento de Sir John Falstaff para com as mulheres e a sua subsequente vingança. A abertura inicia-se com uma introdução atmosférica, conduzindo a um *allegro* à maneira de um *scherzo* que decorre pleno de vida e energia.

O compositor alsaciano **Émile Waldteufel** (1837-1915) foi um dos mais populares da sua época, sobretudo devido à vasta produção de música de salão. Revelou talento precoce e mudou-se para Paris, onde estudou no Conservatório, e rapidamente se afirmou na vida musical parisiense na esfera da música de dança. O seu estatuto em França era similar ao de Johann Strauss II em Viena mas, ao contrário deste, as suas valsas, imensamente populares, consistiam essencialmente em arranjos de temas folclóricos ou de outros compositores. É justamente esse o caso da valsa *Espanha*, op. 236, composta em 1886 a partir da obra-prima homónima de Chabrier.

Figura central na história da música russa, **Mikhail Glinka** (1804-1857) foi o primeiro a alcançar alguma difusão internacional, contribuindo para o estabelecimento da identidade musical do seu país. A ópera *Ruslan e Liudmila*, em cinco actos, foi escrita entre 1837 e 1842, sobre um libreto baseado no poema narrativo de Puchkin, escrito em 1820, e a estreia teria lugar em São Petersburgo, no Bolshoi, em Novembro de 1842. Apesar de alguma frieza na recepção inicial, a obra rapidamente se estabeleceu no repertório do teatro, embora não a nível internacional. Concebida numa forma sonata, a música antecipa vários episódios mágicos e misteriosos da ópera, com uma eferescência que remete para a ascendência de Rossini.

William Walton (1902-1983) é considerado um dos mais importantes compositores britânicos do século XX, tendo escrito prolificamente nos mais diversos géneros. Os anos da Segunda Guerra Mundial foram passados a trabalhar para o Ministério da Guerra Britânico, escrevendo bandas sonoras para filmes de temática patriótica. O mais significativo foi *Henry V*, de 1944, o décimo para o qual compôs, neste caso recorrendo a um conjunto de fontes de música antiga do período Tudor. A partitura seria arranjada por diferentes autores, em várias suítes, para o contexto das salas de concertos, e a música de Walton nunca perdeu a sua popularidade.

Emmanuel Chabrier (1841-1894) foi contemporâneo de importantes compositores franceses, tais como Saint-Saëns, Bizet e Massenet. No entanto, ao contrário destes, a sua formação musical foi pouco ortodoxa, sem nunca ter frequentado o Conservatório de Paris. Empregado como funcionário público, alimentou ainda

assim relações próximas com os escritores boémios da época e até com a vanguarda artística. Muitos o consideraram um amador, mas paradoxalmente seria muito admirado por compositores das gerações seguintes, como Debussy, Ravel, Satie e Poulenc — nomeadamente devido à nova liberdade harmónica que colocou em prática na sua música. A ópera cómica *Le roi malgré lui* foi baseada no *vaudeville* com o mesmo título, escrito por Marguerite-Louise Virginie Ancelot em 1836, a partir de um libreto de Émile de Najac e Paul Burami, tendo a sua estreia ocorrido a 18 de Maio de 1887 na Opéra-Comique, pouco antes do violento incêndio que destruiu esse teatro. O argumento ficciona em torno da história de Henri de Valois, prestes a ser coroado rei da Polónia contra a sua vontade. A notícia de que uma conspiração de nobres locais está a ser preparada contra si apresenta-se como a oportunidade ideal para escapar a esse destino, e o próprio Henri se mistura com os conspiradores, de modo a promover o sucesso da conjura. A “Danse slave” situa-se no início do Acto III, quando uma grande sala de uma pousada se prepara para acolher o rei ao som de uma dança animada.

LUÍS M. SANTOS, 2024*

*O autor não aplica o Acordo Ortográfico de 1990.

Miguel Sepúlveda direção musical

Vencedor do Prémio Jovens Músicos 2022, Miguel Sepúlveda está a desenvolver uma carreira entusiasmante como jovem maestro. Em 2023 dirigiu a Orquestra Filarmónica da BBC, a Orquestra Sinfónica Escocesa da BBC, a Orquestra Sinfónica do Porto Casa de Música, a Orquestra Gulbenkian, entre outras. Em Portugal, é regularmente convidado para regressar às formações com as quais tem trabalhado, e até ao final da temporada 2023/24 terá dirigido todas as orquestras portuguesas.

Os seus concertos têm sido elogiados pela crítica musical nacional e internacional, desde menções no jornal Público (Portugal), a referências nos franceses Le Figaro e Res Musica.

Em 2023 teve a sua estreia operática com *Mansfield Park* de Jonathan Dove, no Reino Unido. Em agosto dirigiu uma produção de *Suor Angelica* de Puccini e fez a estreia absoluta de *Rigor Mortis* de Francisco Lima da Silva.

Miguel Sepúlveda começou a estudar direção com Jean-Marc Burfin e mais tarde completou o mestrado no Royal Northern College of Music, com Mark Heron e Clark Rundell.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, entre os quais Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

As residências artísticas da Casa da Música promovem colaborações com compositores de renome, como Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury, Rebecca Saunders, Enno Poppe e, já em 2024, Vasco Mendonça. A forte marca portuguesa nesta temporada assinala-se com duas estreias mundiais de Vasco Mendonça, e uma outra de Daniel Moreira especialmente destinada a celebrar os 50 anos do 25 de Abril, sobre poemas de Sophia de Mello Breyner; ou a colaboração com o solista João Barradas na interpretação do *Concerto para acordeão* de Luís Tinoco; ou a nova *Sinfonia Subjetiva* de António Pinho Vargas. A Orquestra evoca ainda a melhor música nacional de várias épocas, entre elas a *História Trágico-Marítima* de Fernando Lopes-Graça, sobre poemas de Miguel Torga, e vários títulos de Emmanuel Nunes.

As temporadas recentes foram marcadas por ciclos de integrais de Mahler, Prokofieff, Brahms, Bruckner, Beethoven, Rachmaninoff e Mozart. O alinhamento para 2024 apresenta a integral dos concertos para piano de Prokofieff, convidando cinco solistas portugueses: Raúl da Costa, Artur Pizarro, Rafael Kyrchenko, João Xavier e Pedro Emanuel Pereira. São retomadas obras inesquecíveis como o *Requiem Alemão* de Brahms (com as vozes de Sara Braga Simões e André Baleiro), *Um sobrevivente em Varsóvia* de Schoenberg, a *Sagração da Primavera* de Stravinski e a *Terceira Sinfonia* de Mahler (com Natalya Boeva).

A Orquestra tem pisado os mais prestigiados palcos de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 apresentou-se na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2024 viaja até Munique, tocando ao lado do Arditti Quartett no festival Råsonanz.

A discografia recente da Orquestra inclui álbuns monográficos de Lopes-Graça (Naxos), Luca Francesconi, Unsuk Chin, Georges Aperghis, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös e Magnus Lindberg, além de inúmeros compositores portugueses, e conquistou duas distinções internacionais com o título *Follow the Songlines* e com um disco de obras de Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta à criação da Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, em 1947, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989), entretanto convertida na Orquestra Clássica do Porto (1992) e na Orquestra Nacional do Porto (1997). Já com a formação sinfónica e um quadro de 94 instrumentistas, foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, assumindo a atual designação em 2010.

Violino I

Álvaro Pereira
Evandra Gonçalves
Roumiana Badeva
Tünde Hadadi
Andras Burai
Alan Guimarães
Emília Vanguelova
José Despujols
Maria Kagan
Vadim Feldblioum
Vladimir Grinman
Matilda Mensink*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Tatiana Afanasieva
Lilit Davtyan
Pedro Rocha
Catarina Martins
Paul Almond
José Paulo Jesus
Domingos Lopes
Nikola Vasiljev
Henrique Gonçalves*

Viola

Mateusz Stasto
Emília Alves
Hazel Veitch
Biliana Chamlieva
Carlos Monteiro*
Teresa Macedo Ferreira*
Cristiana Barreiro*
Marisa Moreira*

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Michal Kiska
João Cunha
Sharon Kinder

Contrabaixo

Rui Rodrigues
Tiago Pinto Ribeiro
Joel Azevedo
Altino Carvalho

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer

Oboé

Aldo Salvetti
Telma Mota*

Clarinete

Carlos Alves
João Moreira

Fagote

Gavin Hill
Vasily Suprunov
Cândida Nunes

Trompa

Nuno Vaz
Eddy Tauber
José Bernardo Silva
Hugo Carneiro
Hugo Sousa

Trompete

Sérgio Pacheco
Ivan Crespo
Luís Granjo
Rui Brito

Trombone

Dawid Seidenberg
Ivan Vicente*
Gonçalo Dias*

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Sandro Andrade*
José Afonso Sousa*

Harpa

Ilaria Vivan

*instrumentistas convidados

Operação Técnica**Iluminação**

Virgínia Esteves

Palco

Alfredo Braga

Assistência de cena

Amaro Castro

Próximos concertos

07+14 DOMINGO 10:00 E 11:30 SALA DE ENSAIO 2

Canto Medo Espanto

serviço educativo

Ana Bento e Bruno Pinto formadores

09 TERÇA 21:00 SALA SUGGIA

António Areal

ciclo piano

Obras de **Joseph Haydn, Robert Schumann, Fryderyk Chopin e Wagner/Liszt**

12 SEXTA 21:00 SALA SUGGIA

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier direção musical

Pedro Emanuel Pereira piano

Obras **Joly Braga Santos, Sergei Prokofieff, Luís de Freitas Branco e Franz Schreker**

13 SÁBADO 16:00 SALA 2

Eça é que é Eça

serviço educativo

Mário João Alves conceção artística e interpretação

Ópera Isto! coprodução e interpretação

13 SÁBADO 18:00 SALA SUGGIA

Orquestra Barroca Casa da Música

Laurence Cummings cravo e direção musical

Sara Braga Simões soprano

Marta Gonçalves flauta

Obras de **David Perez, António Leal Moreira e Wolfgang Amadeus Mozart**

14 DOMINGO 18:00 SALA SUGGIA

Coro Casa da Música

Paul Hillier direção musical

Digitópia eletrónica

Obras de **Fernando Lopes-Graça, Duarte Lobo e Carlos Caires**

16 TERÇA 19:30 SALA 2

Mariana Martins

Novos Valores da Guitarra Portuguesa

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

